

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

| | | | |
|--------------------|------------------------------|-----------------------------|-------------------------------|
| ASSIGNA-SE | Preço da assignatura por mez | Para a Corte..... 18000 | AS ASSIGNATURAS |
| Rua do Hospicio 85 | | Para as Províncias... 18500 | começam no 1.º de cada mez |

A BASTARDA

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

XVI

O GABINETE DO SR. DE PESSELIÈRES

(Continuação.)

— Acredita o Sr. visconde, respondeu elle tristemente, que eu teria ordenado e mantido a prisão do conde de Vezay, se a accusação me houvesse parecido tão inverosimil como ao senhor ?.... Para constranger-me a proceder como procedi, foram-me necessarias, juro-lhe, presumpções muito poderosas !

— E, tornou Luciano, quem é a victima desse pretendido crime ?...

Pronunciando estas palavras, o moço estremecia, de antemão assustado com a resposta que ia receber.

A victima, respondeu o promotor lentamente ; a victima.. é horrivel dizei-o !.. foi seu pai, Sr. visconde. Luciano empallideceu.

Cada palavra de Joanna Caillouet recebia esmagadora confirmação.

— Meu pai, balbuciou elle esforçando-se para lutar contra a convicção que, máo grado seu, lhe entrava na alma ;— meu pai morreu accidentalmente ha vinte annos, senhor...

— Infelizmente tenho sobrejas razões para duvidar desse accidente !...

— Mas, perguntou Luciano após um instante, a que motivo attribuir então esse crime inaudito ?.. prodigioso ?...

— Ao motivo que tanto sangue já tem feito correr desde que ha paixões, isto é, desde que o mundo existe, — ao ciume...

— Ao ciume !... repetiu Luciano. — Ao ciume !...

Assim, pois, era verdade,— o conde de Vezay tinha tido ciumes do visconde de Villedieu !.. a authenticidade das cartas da condessa Margarida não era duvidosa, — o abysmo sem fundo illuminava-se com sinistro clarão !...

Seguiu-se entre os dous interlocutores um longo silencio.

Foi o promotor o primeiro a interrompê-lo.

— Sr. visconde, disse elle, cesse de vêr em mim o magistrado, eu lhe peço... não seja eu para o senhor mais do que um cavalheiro que falla a outro cavalheiro... um amigo que se dirige a outro amigo... — e permita-me fazer-lhe algumas perguntas que me são dictadas pelo doloroso interesse e pela profunda sympathia que me inspira...

— Nessas perguntas não haverá comprometimento algum para o Sr. de Vezay ?

— Nenhum, Sr. visconde, nenhum, dou-lhe a minha palavra de honra !...

— Nesse caso, responder-lhe-hei com toda a franqueza...

— Durante a sua infancia, o conde de Vezay, a titulo de antigo amigo de seu pai e de vizinho, manifestava-lhe affeção ?..

— Tão longe quanto alcança a minha lembrança, o conde mostrava-me e provava-me paternal affeção... no castello de Vezay eu era, de algum modo, filho da casa...

— Ha muito tempo que o seu casamento com a filha do conde foi decidido ?...

— Esse casamento foi resolvido desde que éramos crianças, creio eu. Desde os primeiros annos de minha adolescencia, quando Magdalena era apenas uma gentil menina, pensava eu, e mui seriamente, em tomal-a por companheira do meu futuro... — O conde sorria-se a esse projecto, que se tornaria para elle, — tenho razões para acreditar, — o sonho querido e afagado de sua velhice...

— E o conde estimava a filha ?

— A palavra *estimar* não exprime bem o que elle sentia por Magdalena, pois o que sentia, o que sente ainda, é uma adoração, um culto sem igual.— Elle não vê no mundo nada mais bello, nem melhor, nem mais perfeito do que sua filha... e nisso tem toda a razão... Casando-a, elle acaba de dar-lhe quasi todos os seus haveres, — e, se eu houvesse aceitado o sacrificio, o conde não teria reservado cousa alguma para si...

— E' estranho isto !... murmurou o promotor quasi em voz baixa; é estranho, incomprehensivel !... com certeza, não se vê nisso o coração de um criminoso... e no entanto... Deus meu ! donde virá a luz ?...

E proseguiu em voz alta :

— O conde fallava algumas vezes no Sr. seu pai ?

— Raramente.

— Mas, em summa, fallava ?...

— Quando não podia deixar de fazel-o ; — a lembrança de seu velho amigo parecia despertar-lhe a mais viva e pungente recordação ; jámais o ouvi pronunciar o nome de meu pai sem ver-lhe nos olhos lagrimas furtivas...

— Lagrimas de remorsos... talvez ! disse comigo mesmo o magistrado.

Não formulou, porém, em voz alta esse pensamento.

— Sr. visconde, tornou elle, conhece uma moça de nome Joanna Caillouet ?

Luciano estremeceu.

Essa pergunta, assim feita e intervindo subitamente na conversação, admirava-o e assustava-o quasi.

No entanto, respondeu :

— Conheço.

— Quem é essa moça ?

— F' filha de um antigo couteiro de meu sogro.

— Não goza ella de uma posição independente ?

— Mais que independente ; — a filha de Caillouet é rica, possue pelo menos, vinte ou vinte e cinco mil libras de renda...

— Entretanto, o pai não possuia cousa alguma ?

— Nem um soldo.

— Sendo pobre o pai, donde veiu essa riqueza á filha ?...

— Ignoro-o, e penso que todos o ignoram como eu... Lembro-me unicamente de que, em uma epocha já afastada, quando Joanna Caillouet tinha sete ou oito annos de idade, no maximo, fallou-se muito em um legado enorme, em uma doação mysteriosa feita por um protector desconhecido... Foi um tabellão de Paris que comprou em nome de Joanna o domílio de Thil-Châtel...

— O que é que se diz dessa moça ?

— Bem, e somente bem ; é considerada como caritativa e boa...

— O senhor não lhe conhece motivo nenhum de odio pessoal para com o conde de Vezay ?...

Luciano encarou o promotor com ar estupefacto.

— Como poderia ella odiar, perguntou em seguida, um ancião ?...

— Bem ! mas, por algum motivo que me é estranho, poderia, ao menos, detestar a filha do conde...

Luciano fez um movimento que não escapou ao olhar experiente do magistrado.

— Ha alguma cousa ! disse vivamente este ultimo ; e acabo de tocar no ponto sensivel, não é verdade ?

— Senhor, respondeu o visconde, prometti dizer-lhe tudo, e dil-o-hei... custe o que me custar... Com effeito, creio que Joanna Caillouet era secretamente inimiga de Magdalena de Vezay...

— Porque ?

— Rivalidade de moças !

— Rivalidade ?

— Sim.

— A que proposito ?

— Joanna Caillouet nutria por mim uma paixão louca... paixão que o meu amor por Magdalena não me permittia compartilhar.

— Mas, sem compartilhal-a, não lhe havia, por uma dessas imprudencias de moço, dado alguma esperança ?...

— Ao contrario ! tinha feito tudo quanto é possivel para affastal-a de mim....

— E não o conseguiu ?

— Infelizmente não.

— Como foi que Joanna Caillouet soube do seu casamento ?

— Por uma carta de communicação.

— Que lhe foi enviada quando ?

— Hontem.

— A denuncia está datada desta noite, disse consigo o promotor publico, — a moça não perdeu tempo em vingar-se !... quem sabe se não se acha em seu poder o fio conductor ?... veremos....

O Sr. de Pesselières cessou de interrogar Luciano.

— Senhor, disse este ultimo, creio que a minha presença seria um grande allivio aos tormentos que o Sr. de Vezay deve estar soffrendo... Uma visita minha protestaria, na opinião delle, contra a accusação que lhe é feita, e que acreedito firmemente ser injusta.... Não poderei vel-o um momento ?...

— Infelizmente, Sr. visconde, é impossivel !...

— Que !... se o Sr. promotor quizesse...

— Não posso querer...

— Mas porque ?

— O Sr. de Vezay, repito-lhe, está rigorosamente incomunicavel ; circumstancias, em cujas particularidades o meu dever me veda entrar, não permitem que essa incommunicabilidade seja levantada antes que a instrucción haja seguido o seu curso... No seu proprio interesse, como no da verdade, cumpre que o Sr. seu sogro não se communique, por emquanto, com quem quer que seja... Não insista, portanto, Sr. visconde; collecar-me-hia na dolorosa necessidade de negar-lhe novamente...

— Então, nem se quer poderei levar á Magdalena noticias de seu pobre pai !...

— Póde dizer á Sra. viscondessa que o Sr. de Vezay supportou a viagem melhor do que eu o esperava...

— E' exacto isso ?

— Affrmo-o.

— E... agora ?

— Está calmo e resignado ; deposita, diz elle, toda a confiança em Deus e na sua innocencia... são dous poderosos defensores para aquelle que não os invoca injustamente...

— Oh ! exclamou Luciano com entusiasmo : — Deus deve protegel-o, e protegel-o-ha !... e a verdade aparecerá em toda a luz !...

— Desejo-o ardenteamente !... Pelo que diz respeito á situação material do Sr. de Vezay, é tão satisfactoria quanto possivel ; está elle accommodado em um quarto isolado, tem boa cama, uma excellente poltrona, e a comida da prisão é tão asseada e farta quanto o desejam os que pagam liberalmente... Amanhã, mandarei levar-lhe alguns livros, se elle se sentir com forças para ler...

— Magdalena não póde escrever-lhe ?

— Póde. Unicamente devo prevenir-l-o de que a carta da Sra. viscondessa passará necessariamente pelas vistas do juiz de instrucción antes de ser-lhe entregue... Mais uma palavra : enviar-lhe-hei todos os dias um portador que lhe levará um boletim minucioso do estado physico e moral do Sr. conde... Além disso, o senhor será com precedencia avisado do dia em que elle puder comunicar com pessoas estranhas á prisão.

Luciano agradeceu ao magistrado, foi tomar o seu cavallo, e com o coração quasi tão triste como quando chegára, pôz-se a caminho para Vezay.

(Continua no proximo numero.)

O THESOURO DOS ASSASSINOS

III

NO MAR

(Continuação.)

— Santa Virgem ! — exclamou Josephina, erguendo-se, — Que terá meu irmão ?

Ao mesmo tempo, o marujo de vigia no topo do mastro gritou estridentemente :

— Um homem no mar !

— Um homem no mar ! — repetiu o capitão, correndo precipitadamente á popa para lançar a boia de salvação.

Antes, porém, de a desamarrar, querendo certificar-se do sucesso que suppunha occasionado a bordo, examinou attentamente o sulco que o brigue deixava após si, e, não vendo corpo algum humano sobre as vagas, gritou ao vigia :

— Onde diabo vês tu um homem no mar ?

— Não é da nossa gente, senhor — respondeu o marujo. — Deve ser algum naufrago... Está a meio quarto de legua de nós, além pela proa do brigue, um pouco a estibordo !

Grandval subiu a um banco e applicou a vista para o ponto indicado.

Como já dissemos, o mar havia desde algumas horas perdido o seu bello azul habitual, tomando umas cores pardacentas e lodosas.

O *Prosperidade* lutava contra uma corrente que pela violencia se poderia ajuizar serem consideraveis espessuras de hervas, troncos e mesmo arvores inteiras, que por vezes lhe vinham de encontro ao costado, o que tudo eram indicios da proximidade da terra.

Além disso, as ondas engrossavam, ao passo que se avançava, e serros de agua esverdinhada interceptavam a todos os momentos a inspecção em volta do navio.

O sol, reverberando sobre esta superficie moveida, tornava a observação mais difficult e incomoda.

Por estes motivos, Grandval teve difficultade em descobrir o objecto indicado.

Por fim deteve-se-lhe a vista sobre uma especie de tronco de arvore ainda com ramos, e que, balouçando-se nas ondas, apparecia e desapparecia.

Grandes aves esvoaçavam de roda, como que esperando alli boa presa.

À primeiro intuito não se via forma alguma humana junto daquelles fragmentos fluctuantes; porém

o capitão, com a ajuda do oculo, que lhe apresentou um grumete, terminou por distinguir um homem meio nú agarrado aos ramos.

Este homem não fazia movimento algum ; poder-se-hia até acreditar que estava morto e que os seus membros haviam ficado entrelaçados na arvore com as agonias da morte.

Toda a tripolação, que então se achava sobre o convez, explicava a seu modo este encontro.

Josephina, que se conservára junto do capitão, perguntou-lhe toda tremula :

— Então, capitão, não me diz o que isto significa ?

— Sem duvida é algum naufrago, — respondeu elle, — mas custa-me, ainda assim, a convencer, porque nestes ultimos dias não tem havido tempestade.

— Se é um naufrago, devemos prestar-lhe socorro.

— Receio que qualquer socorro lhe seja inutil, — proseguiu o capitão, sem tirar o oculo dos olhos. — Elle não se move, e os passaros que esvoaçam sobre elle parecem regozijar-se com aquelles pobres despojos... Porém não... não é assim... lá fez elle um movimento, ergueu o braço, abriu a bocca para gritar : ainda está vivo...

E, dirigindo-se a tripolação, gritou :

— Já, já um escaler ao mar ; agora trabalha todo o mundo !

Miguel, como quem previra esta ordem, descêra para o convez e reunira-se aos outros marinheiros, ajudando a manobra de safar o escaler. Em um instante estava este n'agua, e muitos marinheiros, entre os quaes figurava Bertomy, se apoderavam dos remos.

— Esperem ! — disse Grandval — Eu tambem vou !

E, saltando no escaler, assentou-se ao leme e mandou remar.

— Depressa ! — disse Josephina do tombadilho. — Lá acaba elle de fazer um signal de desesperação !

O capitão fez-lhe affectuosamente signal de que se tranquillizasse, e o escaler affastou-se, lutando com esforço contra as vagas.

Não teve, porém, que andar muito. A corrente trazia-lhe ao encontro o objecto que attrahia as attenções, e logo os marinheiros puderam formar uma idéa exacta da situação do naufrago.

O tronco ao qual o naufrago se achava agarrado era uma dessas enormes arvores que os rios da America arrastam frequentemente na sua corrente.

O corpo do homem parecia estar descansando sobre os seus grossos braços ; ao de cima d'agua não se via mais do que uma mão contrahida e um rosto livido com olhar extinto, onde não se divisavam já indicios de vida.

— Coragem, camarada ! Aqui estamos ! — gritou Grandval.

O naufrago, porém, pareceu não ouvir estas animadoras palavras, porquanto se conservou imovel e sem responder.

Não tardou que se aproximasse dele. Então as aves aquáticas desapareceram, dando gritos desesperados, mas os tubarões, cuja presença se no-

tára, não renunciaram com a mesma facilidade áquelle presa, que de certo consideravam segura.

Continuavam saltando em volta do desgraçado, espiando com a sua disfarçada sagacidade o ensejo de lhe arrebatar um membro, e só se decidiram a fugir á força dos marinheiros baterem com os remos estrepitosamente n'água.

Afinal Miguel, esforçando-se mais do que todos nesta empreza de salvaçāa, agarrou o naufrago pelos braços, diligenciando mettel-o dentro do barco, porém não lhe foi possível desagarrar a mão do naufrago do ramo a que estava abraçado com a ancia de afogado.

Foi preciso quebrar o ramo, e, em quanto a arvore se affastava, arrastada pela corrente, o infeliz foi trazido para o barco todo escorrendo agua.

Então puderam vel-o bem.

Era um homem que devia ter mais de cincoenta annos, parecendo ainda vigoroso.

De cabello cortado á escovinha, tinha o rosto livido e tremulo, e os labios, já azulados, conservavam uma expressão feroz, que não excitava sympathia.

Vestia camisa de panno grosso e calças tambem de tecido ordinario. A cabeça e pés estavam nús, e no peito e braços viam-se exquisitas pinturas feitas a bico de alfinete, como é frequente na gente do mar.

Estava sem movimento e tinha o corpo gelado.

Conheciam-se-lhe ainda as pulsações do coração; se, porém, o socorro se houvesse demorado um pouco mais, seria inutil, e as aves do mar e os tubarões teriam partilhado a presa, com que já começavam a regozijar-se.

Ao mesmo tempo que os marujos começavam a remar em direcção ao navio, ia o capitão prestando os soccorros ao naufrago, que afinal recobrou o calor por meio de algumas gotas de «rhum» introduzidas na boca e pelo effeito do sol, que dardejava sobre o corpo meio nū.

Tendo feito alguns movimentos, abriu por fim os olhos.

— Olá, amigo, — disse-lhe o capitão affavelmente — como se chama? A que nação pertence?... Achava-se neste estado em consequencia de algum naufragio?

O desconhecido pronunciou algumas palavras inintelligiveis, mas logo caiu na sua prostração.

Miguel, porém, parecia impressionado por certos indícios que descobria naquelle homem.

Inclinava-se sobre elle e fixava-o obstinadamente, divisando-se-lhe no rosto alternadamente a admiracão, a incerteza e o receio.

Grandval, sem notar a preocupacão do surdomudo, deliberou-se, com o fim de acabar de reanimar o pobre diabo, a despejar-lhe na boca o frasco de rhum.

Desta vez o naufrago bebeu com sensivel avidez, fazendo-se logo sentir o effeito da salutar bebida. Reabriu os olhos, sorriu-se com ar idiota, e afinal, depois de dar alguns bocejos convulsos, caiu na anterior immobilidade.

Esta situação, porém, não inspirava receio, porque o rosto adquirira certa cōr e o peito arfava com respiração regular.

— Não tenha cuidado n'elle, capitão — disse um velho marujo, que a bordo do brigue *Prosperidade* desempenhava as funcções de contra-mestre e que habitualmente se prestava a narrar historias incríveis, cujo heroe, falsa ou verdadeiramente, elle era. — O camarada dorme tranquillo, e de certo não acordará tão cedo. Devo acreditar que esteve bastante tempo na sua arvore, e o sonno é uma necessidade mais forte do que a fome e sede. Ora, além disso, o capitão deitou-lhe no bico um gole de *rhum* que chegava para tres marujos, e, com o devido respeito, emborrachou-o devéras! Assevero-lhe que não acorda tão cedo... Lembra-me que uma vez, no mar Pacifico, andava eu então na *Cleopatra*, achámos assim dous naufragos, que havia uma semana navegavam escarranchados em um bocado de mastro. Pois bem! Dormiram durante tres dias e tres noites a bordo, acordando apenas para comerem e beberem...

— Ah! tio Grondin, — interrompeu um grumete de cara avelhacada — essa vida é que me convinha: comer, beber e dormir até não mais! Só por isso valia a pena naufragar!

Havia nas palavras daquelle estouvado o quer que fôsse que não soára bem aos ouvidos supersticiosos dos marujos.

O pobre grumete ia receber alguns sarcasmos ou mesmo o seu piparote em troca das suas considerações de máo agouro, quando de repente o capitão gritou:

— Deixemo-nos de tagarelices!... Este homem não está em estado de nos dizer quem é, nem donde veio, mas de certo não dormirá tres dias e tres noites como os naufragos de Grondin, e então teremos occasião de saber alguma cousa a seu respeito; entretanto toca a remar, rapasiada! O tempo embrulha-se, e podemos ter uma borrasca antes da noite.

Effectivamente o céo, tão limpido desde pela manhã, começava a carregar-se de nuvens, e bem sabiam elles a rapidez com que se formava uma tempestade naquellas paragens; por isso remaram com força, e dentro em pouco estavam a bordo do navio.

(Continua no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importâncias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio n. 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quiserem contínnar a receber o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.